



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

A vida em movimento: gênero, raça e sexualidade no cotidiano móvel das mulheres periféricas de SP

Autoria: Bruna dos Santos Galicho (USP - Universidade de São Paulo)

Este work tem por objetivo apresentar questões suscitadas na pesquisa realizada junto a mulheres moradoras da periferia sul de São Paulo. A partir do método etnográfico, acompanhei as mulheres em seus trajetos cotidianos, desde a porta de suas casas até a entrada em seus locais de work. Os percursos incluíram trechos feitos a pé ou utilizando ônibus, lotação, Metrô e trem e variaram em distância de treze a vinte e três quilômetros e em tempo de quarenta e oito minutos a uma hora e vinte. Durante os trajetos, procurei observar gestos e maneiras de se movimentar pela cidade, além de situar esse espaço-tempo não como um mero cenário ou cronômetro vazios e inertes, mas como agentes que produzem interações e subjetividades. Tendo como espaço-tempo de diálogo o percurso, busquei conversar informalmente sobre suas vidas, mobilizando assuntos como rotina, transporte, religião, família, work, lazer, maternidade, mudança, afeto, expectativas e sonhos. Os temas ganham corpo através de análises que buscam discutir a produção da alteridade nas interações diárias de movimento, seja dentro do transporte coletivo urbano, nas pequenas circulações pelo território de entorno da moradia ou em outras situações contadas pelas mulheres no work, com a família ou em locais de lazer, por exemplo. Considerando-me como parte do campo, enquanto mulher moradora da periferia sul de São Paulo e que se movimenta por diversos territórios da cidade, realizei



também etnografias das minhas experiências de mobilidade, procurando observar percepções e (re)ações dos outros, além das camadas de sentido que me conformam como sujeito. Assim, as experiências de trânsito são tomadas enquanto camadas de produção de sujeitos, de modos de interação e de ver o mundo. Dessa maneira, os corpos das mulheres aparecem não como simples veículo da experiência ou veículo para a verdade e sim como encarnação que articula classificações raciais, significados de feminilidades e masculinidades, concepções de moral, de tempo e, principalmente, de alteridade. Do mesmo modo, a produção de sentimentos de pertença, distância e proximidade são atrelados aos sentidos das experiências e não contingenciais ou aleatórios. Trazendo à tona as categorias de gênero, raça, classe e sexualidade, o território por onde se transita, assim como o tempo das mobilidades ? é transformado ora em objeto, ora em agente em relação com os sujeitos e com os mesmos marcadores que os atravessam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: